

LOURDES  
CASTRO  
— A VIDA  
COMO  
ELA É

*A vida como ela* é apresenta trabalhos de Lourdes Castro (Funchal, 1930–2022) produzidos desde finais da década de 1950, em diversos meios – edições, desenho, bordados, Plexiglas –, em nome próprio e com outros artistas, que sublinham a importância na sua prática artística das colaborações e da relação entre arte e quotidiano.

Na exposição poder-se-ão ver, além da revista *KWY* (1958–1963) e da obra que realizou com Francisco Tropa para a Bienal de São Paulo de 1998, trabalhos de Lourdes Castro, artista ligada originalmente ao movimento francês *nouveau réalisme* – que enfatizava a relação da arte com a realidade –, que construiu ao longo do seu percurso uma obra irredutivelmente singular, ligada às silhuetas e às sombras.

# LOURDES CASTRO – A VIDA COMO ELA É

**Lourdes Castro**

Francisco Tropa

KWY: Lourdes Castro, René Bertholo,  
António Costa Pinheiro, João Vieira,  
José Escada, Gonçalo Duarte, Christo,  
Jan Voss

Coleção de Arte Contemporânea do Estado

Coleção Fundação de Serralves

Coleção Fundação Luso-Americana para  
o Desenvolvimento

Coleção Lourdes Castro, depósito  
na Fundação de Serralves

Coleção Teixeira da Silva, depósito  
na Fundação de Serralves

Livros e Edições de Artista, Coleção  
Fundação de Serralves

Capa

Cover

Lourdes Castro, *D'OMBRES*, ed. Guy Schraenen, 1974  
Página de livro de artista. 250 cópias, numeradas e  
assinadas

*Page from an artist's book. 250 copies, numbered  
and signed*



**Geneviève Morgan**  
 La Montagne de fleurs de Lourdes Castro  
 [A montanha de flores de Lourdes Castro], 2003  
 Vídeo, cor, som, 10'07"  
 Video, colour, sound, 10'07"

Apresentar em Matosinhos a exposição *Lourdes Castro — A vida como ela é* adquire uma relevância significativa, porque se trata de um Município com o qual Serralves mantém uma ligação histórica de profunda cumplicidade. Matosinhos assumiu o estatuto de Fundador de Serralves em 2006 e, desde então, tem sido um parceiro de primeira linha da Fundação. *A vida como ela é* representa a 12.<sup>a</sup> exposição organizada por Serralves neste Município, dando continuidade a uma trajetória conjunta de grande sucesso que já permitiu exhibir obras de criadores de referência como Fernando Lanhas, Helena Almeida, Ângelo de Sousa e Jorge Molder.

Uma estratégia de descentralização cultural, que assume a arte contemporânea como pilar fundamental da cidadania e da coesão social, exige a procura de interlocutores sólidos, como tem sido Matosinhos. Através do Programa de Exposições Itinerantes, Serralves empenha-se em estreitar os laços entre artistas, curadores e intervenientes locais, procurando exhibir em todo o território nacional trabalhos de grande qualidade e artisticamente diversos.

As obras de Lourdes Castro que aqui se mostram pertencem à Coleção de Serralves. Embora apresente obras de diversos períodos, e realizadas em diferentes meios artísticos, a exposição unifica essa aparente diversidade. Como? Destacando a escolha da sombra como motivo principal de toda a obra da artista. Segundo Lourdes Castro, a nossa relação com o mundo devia procurar-se na sombra, e na confusão que esta promove entre presença e ausência, entre concreto e imaterial. A sua obra, feita de sombras (e de luz, pois não há sombra sem luz), dá destaque a pequenos gestos do quotidiano e traz o mundo que nos rodeia para o centro da prática artística. Nos anos 1960, foi revolucionário apagar a distância entre a arte e a vida. No trabalho de Lourdes Castro esse apagamento adquire uma evidência que dispensa manifestos e revoluções. Ele é simples, natural. Simplesmente *A vida como ela é*.

A exposição é, ao mesmo tempo, um testemunho da ligação muito próxima e cúmplice de Lourdes Castro a Serralves. E bem-humorada, já agora. Lembremo-nos de que a sua última exposição em Serralves foi adiada pelo primeiro confinamento ligado à Covid-19, o que nos impediu de inaugurar, como estava previsto, no primeiro dia da primavera de 2020. Como podem calcular, esta data muito agradava a uma artista da Madeira, que tantas flores usou no seu trabalho. Confrontada com esta impossibilidade, a reação de Lourdes foi exemplar da sabedoria aliada ao sentido de humor: "Este ano a primavera chegará mais tarde!" Em 2026, a primavera chega no final do verão.

A Fundação de Serralves expressa, reconhecida, um agradecimento ao Vereador da Cultura, Fernando Rocha, e em especial à Presidente da Câmara Municipal, Luísa Salgueiro, felicitando-a pela visão estratégica e pelo entusiasmo em manter a colaboração com Serralves. É nesta convergência de esforços que se faz da arte contemporânea um bem universal, acessível e verdadeiramente transformador.

**Manuel Ferreira da Silva**  
 Presidente do Conselho de Administração da Fundação de Serralves



Sombras à volta de um centro (lilases I), 1980  
Lápis e lápis de cor sobre papel  
*Pencil and coloured pencil on paper*

Desde 2006, a autarquia de Matosinhos e a Fundação de Serralves têm vindo a construir uma parceria sólida, assinalada pelo estatuto de Município Fundador da instituição. Ao longo destes anos, o compromisso de levar a Coleção de Serralves ao encontro da comunidade matosinhense, através do Programa de Itinerâncias, traduziu-se em mais de uma dezena de exposições e num conjunto de atividades complementares, como visitas orientadas, oficinas para famílias e ações de formação realizadas na Galeria Municipal de Matosinhos.

É no prolongamento desta estreita e duradoura colaboração que apresentamos agora a obra de Lourdes Castro, artista plástica falecida em 2022 e figura central no panorama artístico francês e europeu das décadas de 1960 e 1970. Afastando-se dos formatos tradicionais da pintura e da escultura, o percurso de Lourdes Castro fez dela uma protagonista das profundas transformações conceptuais e materiais que marcaram as artes visuais naquele período.

Neste contexto, é com grande entusiasmo que a Galeria Municipal de Matosinhos acolhe *A vida como ela é*, convidando o público a descobrir ou revisitar o legado deixado por Lourdes Castro e, ao mesmo tempo, reforçando uma linha programática centrada na promoção, divulgação e valorização da arte moderna e contemporânea.

Luísa Salgueiro  
Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos

*A vida como ela é* revisita o percurso artístico de Lourdes Castro (1930–2022) através de uma seleção de obras que reflete o seu olhar atento para os gestos simples do quotidiano. No universo da artista, essa prática consciente, centrada na experiência do presente e que serviu de matéria e inspiração para a sua obra, abrange tanto as paisagens urbanas que percorreu no início da sua carreira como, mais tarde, o jardim da sua casa na Madeira, onde a observação dos ritmos da natureza e da passagem das estações se tornou um dos eixos fundamentais da sua criação.

A seleção de obras reunidas na Galeria Municipal de Matosinhos é reveladora de uma prática artística que prescindiu da tela para optar por materiais transparentes, translúcidos ou coloridos, que dão origem aos célebres recortes em plexiglas. Na coleção de momentos criada por Lourdes Castro, encontramos a relação que a artista estabeleceu entre os objetos descartados e a obra de arte. É desta tensão entre o material e o imaterial na criação de objetos artísticos que nasce uma multiplicidade de processos e técnicas que conferem ao seu percurso um lugar singular na arte contemporânea.

Fernando Rocha  
Vereador da Cultura de Matosinhos

### **Está feito, não está acabado**

A primeira imagem reproduzida nesta brochura apresenta uma obra que não está na exposição. Nem poderia, já que não existe fisicamente e apenas pode ser realizada quando estão reunidas condições excepcionais. *A montanha de flores*, assim se chama, foi apresentada no Museu de Serralves em 2003, numa exposição individual intitulada *Lourdes Castro: Sombras à volta de um centro*, em que também se mostrou a série de desenhos que lhe deu o nome, esses sim, incluídos nesta mostra.

### **Definitivamente inacabada**

Milhares de pétalas de malva foram reunidas por Lourdes Castro (Funchal, 1930–2022) durante catorze anos, entre 1988 e 2002. A malva, que é uma flor muito comum na Madeira – ilha de que a artista é originária e onde viveu desde 1983, depois de uma curta estada em Munique (1957) e de 25 anos parisienses (1958 a 1983) –, teria, para que a obra fosse novamente apresentada, de deixar cair as suas pétalas durante muitos anos, em sucessivas estações do ano... e que estas fossem sendo recolhidas, guardadas, mantidas.

A datação da obra (“1988...”) indica o ano em que foi encetado o processo que lhe deu origem mas elide o seu término. Isto significa, por um lado, que não se devem distinguir trabalho “final” e prática; por outro lado, diz-nos inequivocamente que *A montanha de flores* está “definitivamente inacabada”.

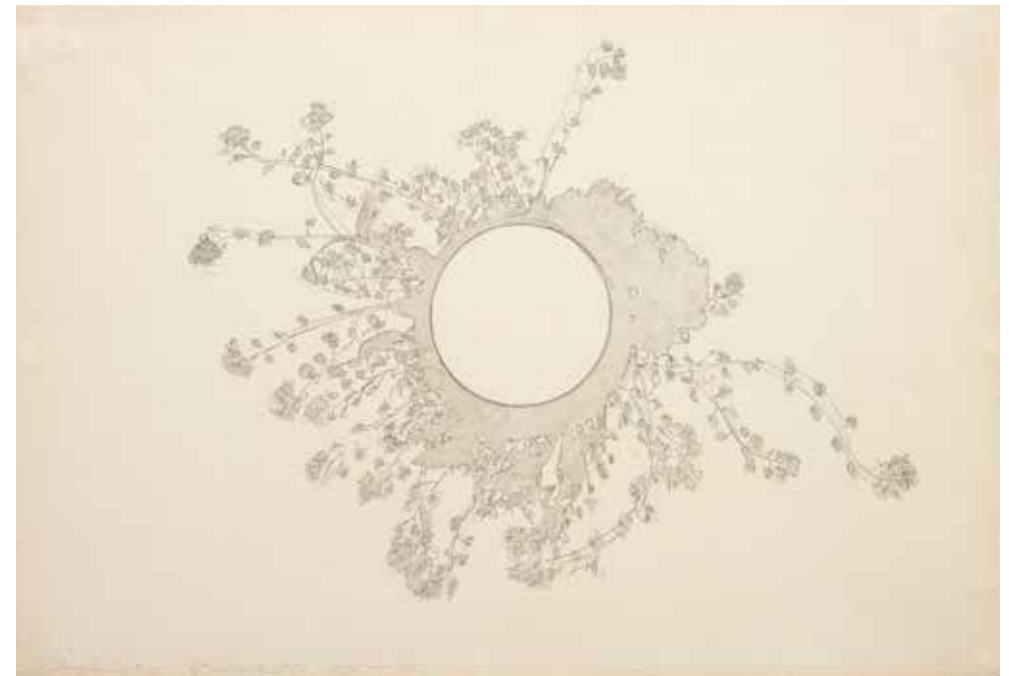
### **Presente e ausente**

Começámos por dizer que a obra está ausente da exposição. Sim e não, na verdade. Conscientes da sua importância no percurso de Lourdes Castro – que considera com ela ter “dado um passo” (assim se lhe referiu numa recente conversa telefónica) – e da sua capacidade de sintetizar a sua prática, decidiram os seus curadores apresentar o filme de Geneviève Morgan *La Montagne de fleurs de Lourdes Castro* [A montanha de flores de Lourdes Castro], de 2003. No curto documentário, pode ver-se a artista a transportar uma grande caixa até à sala onde esta será finalmente aberta para que os preciosos objetos que guarda (as pétalas) possam ser cuidadosamente depositados numa superfície de vidro, em torno de uma jarra. Quando o relevo está formado, atingindo aproximadamente a altura do objeto no centro do tampo transparente, Lourdes Castro remata a obra como quem termina de pôr uma mesa, enfiando uma flor na jarra. *A montanha de flores* está feita. Como vimos, não está acabada.



### A vida como ela é

A imagem de alguém a pôr uma mesa, gesto quotidiano por excelência, pode ajudar a distinguir a prática de Lourdes Castro dos objetos em que ela se materializa. Explico melhor: preparar uma refeição, plantar e podar, colar, desenhar, pintar e bordar – tudo atividades a que a artista se dedicou e que deram de facto origem, como veremos, a colagens, desenhos, pinturas e bordados – equivalem-se, porque servem acima de tudo (e agora vou denunciar o interesse de Lourdes Castro pelo pensamento oriental, o Zen em particular<sup>1</sup>) para harmonizar corpo e espírito, consciente e inconsciente, particularidade e universalidade. Isto explica que, nos últimos anos, quando questionada sobre a sua prática recente, a artista responda ser o jardim da casa na Madeira o seu único trabalho; note-se que já 10 anos antes, à questão “A Lourdes tem pintado, tem trabalhado muito?”, respondeu: “Tenho trabalhado muito. O que é trabalho? O que é não-trabalho? Tenho tanta coisa para fazer. A minha pintura é esta: o viver, o estar cá.”<sup>2</sup> *A vida como ela é*.<sup>3</sup>



<sup>1</sup> São várias as entrevistas em que Lourdes Castro refere a importância para a sua vida e para a sua obra de um livro escrito em 1948 por Eugen Herrigel, professor alemão que, entre 1924 e 1929, ensinou filosofia no Japão: *Zen e a arte do tiro com arco*. A artista, que o leu em alemão quando ainda era pequena, descreve-o da seguinte forma: “Às vezes são boias de salvação. Quando o Ocidente já não estava a responder ao que se perguntava, foi muita gente ao Oriente. E voltou; como o senhor Herrigel, que esteve lá, estudou e aprendeu o japonês. Essa troca vem responder a coisas, como a religião: são respostas que a um certo momento batem certo, que nos aliviam, que nos ajudam.” Oscar Faria, “Lourdes Castro: ‘A minha pintura é esta: o viver, o estar cá’”, entrevista a Lourdes Castro, *Ipsilon*, 3 de março de 2010. Uma síntese do livro, que descreve a tentativa de compreender o Zen a partir da arte do tiro com arco: “Vivida por nós como divisão, erro, conflito, discórdia ou alucinação, a relação entre corpo e mente, matéria e espírito, ser e devir, consciente e inconsciente, razão e sentimento, ideal e real, visível e invisível, palavra e silêncio, identidade e alteridade, abstrato e concreto, universal e particular, vida e morte figura aqui como aliança, acordo, concórdia, conjura, fusão e hipóstase.” Ver José Manuel dos Santos, “O tiro”, *Expresso*, 29 de novembro de 2007.

<sup>2</sup> In Faria, op. cit.

<sup>3</sup> O título desta exposição, *A vida como ela é*, foi pedido de empréstimo a uma série de contos escritos pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues (Recife, 1912 – Rio de Janeiro, 1980) entre 1950 e 1961, posteriormente adaptados para a rádio e para a televisão.

Sombras à volta de um centro (miosótis), 1985  
Grafite sobre papel  
Graphite on paper



KWY: Eds. Lourdes Castro, Jan Voss, Gonçalo Duarte, Christo, José Escada, João Vieira, René Bertholo, Costa Pinheiro

KWY (Paris), n.  1, mai [maio] 1958  
Capa: Serigrafia de Lourdes Castro  
*KWY (Paris), n.  1, mai [May] 1958*  
Cover: Silkscreen by Lourdes Castro

KWY (Paris), n.  2, août [agosto] 1958  
Capa: Serigrafia de René Bertholo  
*KWY (Paris), n.  2, août [August] 1958*  
Cover: Silkscreen by René Bertholo

KWY (Paris), n.à 3, octobre [outubro] 1958  
Capa: Serigrafia de José Escada  
*KWY (Paris), n.à 3, octobre [October] 1958*  
Cover: Silkscreen by José Escada

KWY (Paris), n.à 4, mai [maio] 1959  
Capa: Serigrafia de Ant nio Costa Pinheiro  
*KWY (Paris), n.à 4, mai [May] 1959*  
Cover: Silkscreen by Ant nio Costa Pinheiro

KWY (Paris), n.  5, décembre [dezembro] 1959  
Capa: Serigrafia de Manuel Millares  
*KWY (Paris), n.  5, décembre [December] 1959*  
Cover: Silkscreen by Manuel Millares

KWY (Paris), n.à 6, juin [junho] 1960  
Capa: Serigrafia de Gonçalo Duarte  
*KWY (Paris), n.à 6, juin [June] 1960*  
Cover: Silkscreen by Gonçalo Duarte

KWY (Paris), n.à 7, hiver [inverno] 1960  
Capa: Revestida a serapilheira de Christo  
*KWY (Paris), n.à 7, hiver [winter] 1960*  
Cover: Covered with burlap by Christo

KWY (Paris), n.  8, "Numéro Vostok", automne [outono] 1961  
Capa: Lourdes Castro  
*KWY (Paris), n.  8, "Numéro Vostok", automne [autumn] 1961*  
Cover: Lourdes Castro

KWY (Paris), n.  9, printemps [primavera] 1962  
Capa: Serigrafia de Jan Voss com colaboração (letras) de Guido Biassi  
*KWY (Paris), n.  9, printemps [spring] 1962*  
Cover: Silkscreen by Jan Voss with collaboration (letters) by Guido Biassi

KWY (Paris), n.  10, automne [outono] 1962  
Capa: Serigrafia de René Bertholo, a partir de serigrafias de Lourdes Castro, Corneille, Peter Saul e Ant nio Costa Pinheiro  
*KWY (Paris), n.  10, automne [autumn] 1962*  
Cover: Silkscreen by René Bertholo, from silkscreens by Lourdes Castro, Corneille, Peter Saul and Ant nio Costa Pinheiro

KWY (Paris), n.  11, printemps [primavera] 1963  
Capa de Christo a partir de fotografia de Harry Shunk e Janos Kender, com caracteres de Raymond Hains  
*KWY (Paris), n.  11, printemps [spring] 1963*  
Cover by Christo from a photograph by Harry Shunk and Janos Kender, with markings by Raymond Hains

KWY (Paris), n.  12, " lbum", hiver [inverno] 1963 [fev. 1964]  
Capa: Lourdes Castro  
*KWY (Paris), n.  12, " lbum", hiver [winter] 1963 [feb. 1964]*  
Cover: Lourdes Castro

## Dar corpo   sombra

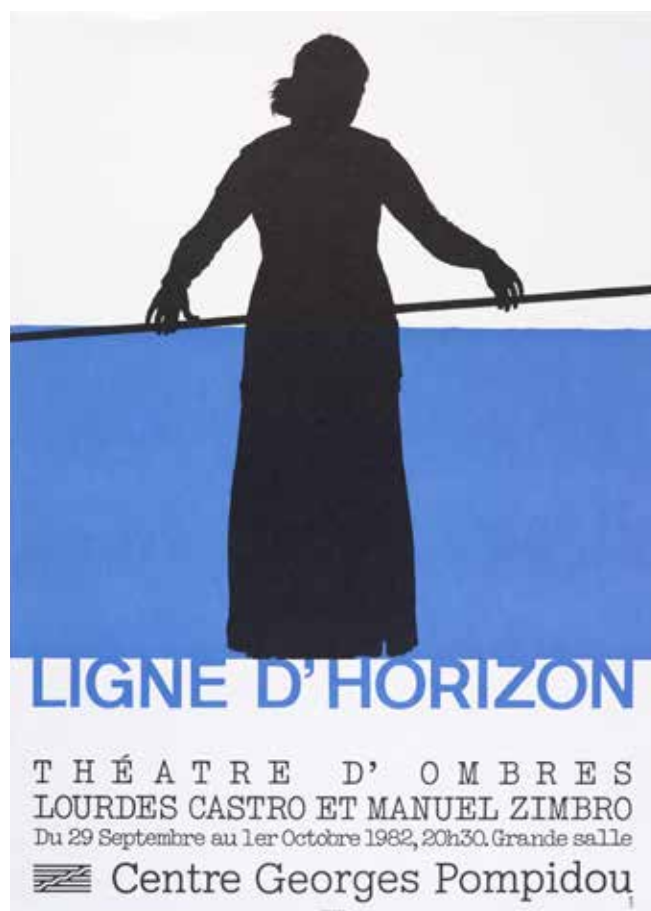
*A vida como ela é* reúne trabalhos de Lourdes Castro realizados entre os anos 1950 e os anos 2000. O trabalho da artista, que depois de frequentar o curso de pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa se instala em Paris em 1958 – após uma curta passagem por Munique, como vimos –, será rapidamente integrado (e contextualizado) no movimento *nouveau réalisme*, que atribuía um papel inédito   relação entre a prática artística e o quotidiano, entre uma nova paisagem urbana repleta de signos (publicitários, nomeadamente), objetos descartados porque cada vez mais rapidamente obsoletos, e a obra de arte. Um erro, uma imprecisão pelo menos. Se o trabalho de Lourdes Castro integra a certa altura quinquilharia desatualizada arrancando-a ao seu destino mais que provável (o lixo), uniformizada por uma camada de tinta met lica<sup>4</sup>, rapidamente a artista se interessará pelo tema que a acompanhar  toda a sua vida: a sombra. Para Lourdes Castro, as sombras – de pessoas, de objetos – são a ligação entre presença e ausência, a fronteira entre materialidade e imaterialidade. A partir desta descoberta construir  uma obra irredutivelmente singular, em que se destacam, nos anos 1960, os trabalhos em Plexiglas – um material que lhe permitia apresentar sombras das sombras – e as *sombras deitadas* bordadas sobre len ois. Sobre a transição do duro plástico para a suavidade do linho, diz a artista: "Sei que tirei as sombras da sombra. Dei-lhes corpo, porque fiz os Plexiglas [...]. Os len ois, não os ia fazer em Plexiglas, porque a gente não se deita em cima desse material e o plástico têm também não   agradável..."<sup>5</sup>

A presente exposição apresenta um exemplo das *sombras deitadas*, bordadas pela artista em len ois. "São amigos que disseram 'ok, a gente deita-se; é muito confortável'. Estavam mais quietinhos: era no chão do ateliê. Punha o papel, fazia o contorno, depois passava para o pano e bordava. Foi muito bom, depois de trabalhar com a serra elétrica, estar ali sossegada: lembro-me de estar a ouvir os carros. Foi na Rua des Saints-P res [em Paris]."<sup>6</sup>

<sup>4</sup>   disto exemplo a pintura *Letras*, apresentada na exposição.

<sup>5</sup> In Fúria, op. cit.

<sup>6</sup> Ibid.



LIGNE D'HORIZON: Théâtre d'ombres, Lourdes Castro e Manuel Zimbro  
Paris: Centre Georges Pompidou, 1982

### Dar o seu corpo à sombra

Na década de 1970, a artista imprimirá movimento à sombra, através de teatros de sombras realizados com Manuel Zimbro (Lisboa, 1944 – Madeira, 2003), seu colaborador na vida e no trabalho ao longo de mais de três décadas. Apresentadas em teatros e galerias, estas experiências estiveram no centro da exposição *Lourdes Castro e Manuel Zimbro: À luz da sombra*, patente no Museu de Arte Contemporânea de Serralves entre março e junho de 2010. Segundo a artista, “O primeiro programa eram três coisinhas pequeninas: *Piquenique à sombra*, *Contorno* e *Dia e noite*; o segundo programa, *As cinco estações*; e o terceiro programa, *A linha do horizonte*. Não tinham história: é como um quadro, uma coisa chama a outra. O fio condutor era a transformação. Eram três coisas, depois passámos a um assunto só, sem intervalo, porque quando tu vês as sombras é tal o envolvimento, a magia, que é uma pena ter intervalo. *As cinco estações* e *A linha do horizonte* duravam uma hora.”<sup>7</sup>

Em *A vida como ela é*, os teatros de sombras são convocados através dos cartazes que os anunciavam. Estes cartazes e os livros de artista – assim como a mítica revista *KWY*<sup>8</sup> – testemunham a importância que Lourdes Castro sempre conferiu aos materiais gráficos que acompanhavam as suas exposições ou que são obras de direito próprio.<sup>9</sup> A presente exposição engloba, além da *KWY*, uma seleção dos livros e cartazes apresentados no mezanino da Biblioteca de Serralves em 2010, que integram a Coleção de Livros e Edições de Artista da Fundação de Serralves.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> *KWY* é o nome do grupo constituído pelos artistas portugueses Lourdes Castro, René Bertholo, António Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada e Gonçalo Duarte, pelo búlgaro Christo e pelo alemão Jan Voss, congregado em Paris em torno da edição da revista *KWY*, publicada entre 1958 e 1964. Os doze números da revista foram pretexto para duas importantes exposições: *KWY: Paris 1958-1968*, apresentada no Centro Cultural de Belém em 2001 e *Um realismo cosmopolita: O grupo KWY na Coleção de Serralves*, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves em 2015.

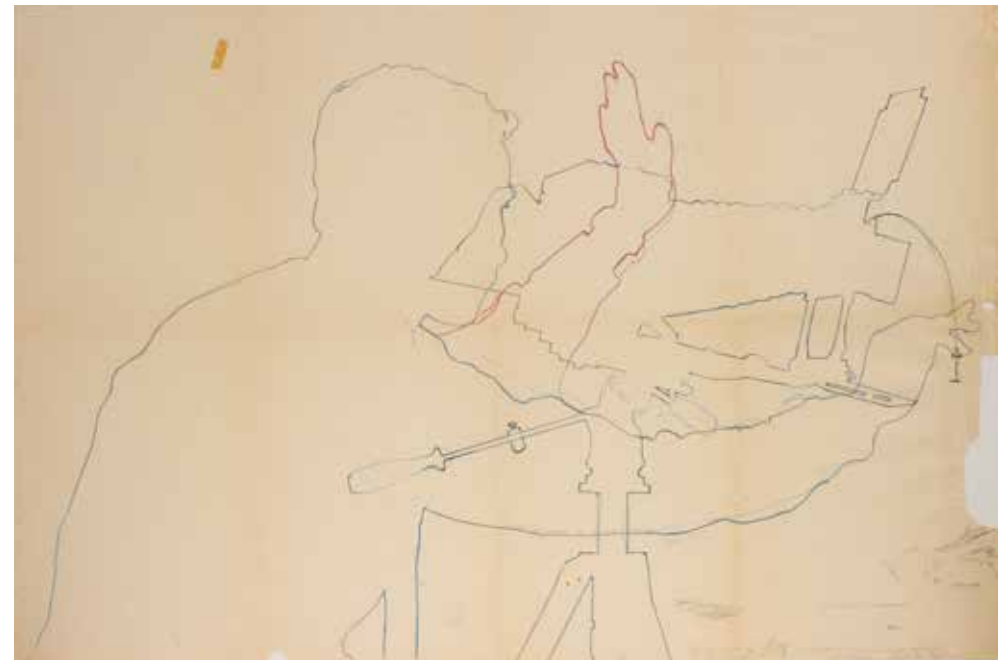
<sup>9</sup> A produção gráfica de Lourdes Castro, nomeadamente os seus livros de artista, tem sido destacada em exposições que revelam, por um lado, o lugar central que ocupa no seu trabalho e, por outro, a sua inestimável contribuição para a história daquele meio (livro de artista). Ver, a este propósito, *Todos os Livros*, livro publicado por ocasião da exposição com o mesmo nome, com curadoria de Paulo Pires do Vale, realizada pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian de 9 de julho a 26 de outubro de 2015. A exposição que o livro acompanha é apresentada da seguinte forma no site da editora Sistema Solar: “A exposição reuniu os livros que a artista realizou desde 1956 até ao presente [...]. Entre os livros que se mostram – que pertencem, na sua maioria, à coleção particular da artista – encontram-se os primeiros que realizou, onde os seus desenhos se relacionam e iluminam a palavra dos textos de poetas como Rilke, Rimbaud, Apollinaire e Herberto Helder, e aqueles onde começou a utilizar o *rodhoïd* e o *Plexiglas*, criando livros-objetos. Muitos destes livros são únicos e outros tiveram edições limitadas, feitas em serigrafia; alguns resultaram da colaboração com escritores, como Benjamin Patterson, outros ainda da recolha sobre um tema da sua predileção. Foram muitas as possibilidades que a estrutura do livro permitiu que explorasse e fica evidente, nos muitos livros que Lourdes Castro criou, o interesse e o afeto que a artista tem por este dispositivo, desde a concepção, com René Bertholo, da revista e editora *KWY*, até hoje.”

### Horizontaliza-se

Em *A vida como ela é*, mostram-se alguns desenhos da referida série “Sombras à volta de um centro”.

Apesar de apresentados na parede (vertical), o processo que dá origem aos desenhos convoca a horizontalidade: a origem dos desenhos está no arranjo de jarras com flores e plantas, que são depois pousadas sobre folhas de papel colocadas sobre tampo, constituindo o *centro* a partir do qual são desenhados os contornos de várias espécies vegetais (camélias, gerânios, lilases, malmequeres, miosótis, narcisos, primaveras, rosas, salsa, túlipas, folhas de palmeira, entre outras). Estes desenhos, na sua simplicidade e evidência, revelam a vontade da artista de ver “sempre pela primeira vez e em primeira mão”. Constituem, além de uma espécie de diário íntimo de Lourdes Castro com as plantas e as flores, um tratado sobre a atenção, sobre estar – exatamente como o aspirante a arqueiro de que fala Eugen Herrigel em *Zen ou a arte do tiro com arco* – inteiramente presente no “aqui e agora”. São por isso mesmo testemunhos de uma “eternidade efémera”<sup>10</sup>, e de uma possível relação da arte com *A vida como ela é*.

Ricardo Nicolau



<sup>10</sup> No texto que acompanha os desenhos no livro publicado por ocasião da exposição no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Manuel Zimbro valoriza o processo que dá origem aos desenhos em detrimento dos objetos resultantes. Atribui ao ato de preparar as jarras de flores exatamente a mesma importância que ao desenho das sombras; mais, defende que essa preparação pode ser já desenho, já que “desenhar não é uma habilidade, não se esgota no desenhado nem se explica no desenho” (p. 30). Desenhar, mais do que imitar ou representar, pode ser – é o caso destas *Sombras à volta de um centro* – um exercício de apagamento pessoal, de conexão entre consciente e inconsciente, exterior e interior, efémero e perpétuo. “Desenhar não se produz, faz-se” (p. 38). Ver Manuel Zimbro, “sem título”, *Lourdes Castro: Sombras à volta de um centro*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, pp. 13–114.

Sombra projetada de André Morain, 1966  
Grafite e lápis de cor sobre papel montado em tecido  
*Graphite and coloured pencil on paper mounted on cloth*

Sombra projetada de André Morain, Paris, 1967  
Plexiglas recortado à mão e pintado  
*Hand-cut and painted Plexiglas*

**LISTA DE OBRAS**  
**ARTWORK LIST**

O conjunto de obras que integram a exposição pertence à Coleção da Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea e à Coleção de Livros e Edições de Artista da Fundação de Serralves. São igualmente apresentadas obras provenientes das seguintes coleções em depósito na Fundação de Serralves: Coleção de Arte Contemporânea do Estado, Coleção Lourdes Castro, Coleção Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, e Coleção Teixeira da Silva.

*The exhibition includes artworks from the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art Collection and from the Serralves Foundation's Collection of Books and Artists' Editions. Also on display are artworks from the following collections held on loan at the Serralves Foundation: the State Collection of Contemporary Art, the Lourdes Castro Collection, the Luso-American Development Foundation Collection and the Teixeira da Silva Collection.*

Sem título atribuído (postal), 1965

Postal

14,4 × 19,5 cm

*Postcard*

Inv. no. BIB 29537

Sombra projetada de Cynthia, 1968

Plexiglas recortado à mão e pintado

Depósito em 1999

53,6 × 98,5 × 7 cm

*Hand-cut and painted Plexiglas*

*Deposit in 1999*

Inv. no. BP 0001

**Francisco Tropa, Lourdes Castro**

Peça, 1998

Madeira, tecido bordado, instalação elétrica

Depósito em 2000

530 × 320 × 100 cm

*Wood, embroidered fabric, electrical installation*

*Deposit in 2000*

Inv. no. BP 0013

Sombras à volta de um centro (narcisos), 1980

Lápis de cera e lápis de cor sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

482 × 640 mm

*Crayon and coloured pencil on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0146

Sombras à volta de um centro (malmequeres), 1980

Tinta da China sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

455 × 660 mm

*Indian ink on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0148

Sombras à volta de um centro (salsa), 1980

Tinta da China e recorte sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

610 × 390 mm

*Indian ink and cut-out on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0151

Sombras à volta de um centro, 1980

Tinta da China e recorte sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

500 × 660 mm

*Indian ink and cut-out on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0153

Sombras à volta de um centro (lilases I), 1980

Lápis e lápis de cor sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

500 × 660 mm

*Pencil and coloured pencil on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0154

Sombras à volta de um centro (túlipas III), 1980

Lápis de cera sobre papel

Moldura desenhada por Manuel Zimbro

Depósito em 2003

660 × 500 mm

*Crayon on paper*

*Frame designed by Manuel Zimbro*

*Deposit in 2003*

Inv. no. DA 0159

Sombras à volta de um centro (malmequeres), 1980  
Litografia, elementos naturais  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
650 × 500 mm  
*Lithograph, natural elements*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0160

Sombras à volta de um centro (goivos), 1980  
Lápis de cor sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
57 × 76 cm  
Depósito em 2003  
*Coloured pencil on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0169

Sombras à volta de um centro (íris), 1980  
Lápis de cor sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
500 × 660 mm  
*Coloured pencil on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0426

Sombras à volta de um centro (ranúnculos), 1980  
Tinta da China sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
500 × 660 mm  
*Indian ink on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0428

Sombras à volta de um centro (malmequeres), 1980  
Lápis de 4 cores sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
500 × 660 mm  
*Four-colour pencil on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0430

Sombras à volta de um centro (miosótis), 1984  
Lápis sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
375 × 550 mm  
*Pencil on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0434

Sombras à volta de um centro (cesto rosas), 1986  
Lápis de cera sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
503 × 703 mm  
*Crayon on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0441

Sombras à volta de um centro (folha de palmeira), 1986  
Lápis e lápis de cor sobre papel  
Moldura desenhada por Manuel Zimbro  
Depósito em 2003  
900 × 683 mm  
*Pencil and coloured pencil on paper*  
*Frame designed by Manuel Zimbro*  
*Deposit in 2003*  
Inv. no. DA 0446

Sombra projetada de uma mala, 1966  
Desenho a lápis sobre papel montado em tecido  
Depósito em 2010  
504 × 650 mm  
*Pencil drawing on paper on cloth*  
*Deposit in 2010*  
Inv. no. FL 0307

Sombra projetada de saco de compras, 1966  
Lápis sobre papel sobre tecido  
810 × 540 mm  
Depósito em 2010  
*Pencil drawing on paper on cloth*  
*Deposit in 2010*  
Inv. no. FL 0308

Sombra projetada de André Morain, 1966  
Grafite e lápis de cor sobre papel montado em tecido  
Depósito em 2010  
116 × 81 cm  
*Graphite and coloured pencil on paper mounted on cloth*  
*Deposit in 2010*  
Inv. no. FL 0309

Sem título, s.d.  
Serigrafia sobre rodhoïd. Ed. 39/100  
Doação da Galeria 111, 1989  
58,2 × 49,8 cm  
*Silkscreen on rodhoïd. Ed. 39/100*  
*Donation by Galeria 111, 1989*  
Inv. no. FS 0308

Tomateiro, s.d.  
Serigrafia. Ed. 41/100  
Doação da Galeria 111, 1989  
65,5 × 50,4 cm  
*Silkscreen. Ed. 41/100*  
*Donation by Galeria 111, 1989*  
Inv. no. FS 0309

Sombras horizontal e vertical, 1979  
Serigrafia. Ed. 183/200  
Doação da Galeria 111, 1989  
75,3 × 55,4 cm  
*Silkscreen. Ed. 183/200*  
*Donation by Galeria 111, 1989*  
Inv. no. FS 0310

Sombras deitadas, Paris, 1970  
Tecido bordado à mão  
Aquisição, 1999  
310 × 240 cm  
*Hand-embroidered fabric*  
*Acquisition, 1999*  
Inv. no. FS 0662

Sombra sentada, Paris, 1969  
Tecido bordado à mão  
Aquisição, 1999  
310 × 180 cm  
*Hand-embroidered fabric*  
*Acquisition, 1999*  
Inv. no. FS 0663

Letras, Paris, 1962  
Madeira, pinça cirúrgica, caixa de metal prateada,  
plástico, tinta acrílica sobre tela  
Aquisição, 1998  
50 × 100 cm  
*Wood, surgical forceps, silver-coloured metal box,*  
*plastic, acrylic paint on canvas*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0761

Sombra projetada de Adami, Paris, 1967  
Plexiglas pintado  
Aquisição, 1998  
130 × 100 × 6 cm  
*Painted Plexiglas*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0762

Automóvel, 1965  
Pratas de chocolates e tinta sobre acrílico  
Aquisição, 1998  
81 × 60 cm  
*Silver foil glued onto painted Plexiglas*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0778

**Geneviève Morgan**  
Montanha de flores de Lourdes Castro, 2003  
Vídeo, cor, som, 10'07"  
Aquisição, 2010  
*Video, colour, sound, 10'07"*  
*Acquisition, 2010*  
Inv. no. FS 1683

Sombras e chocolates (castanhas), 1976  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0779

Sombras e chocolates (harmónica), 1965  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0780

Sombras e chocolates (vassourinha), 1965  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0781

Sombras e chocolates (joaninha), 1965  
Lápis, pratas de chocolates e papel de lustro  
colados sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Pencil and silver foil and wax paper glued onto*  
*paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0782

Sombras e chocolates (lápís), 1965  
Pratas de chocolates, papel de lustro e apara de  
lápís colados sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil, wax paper and pencil shavings glued  
onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0783

Sombras e chocolates (moedas), 1974  
Lápis de cor, pratos de chocolates e papel de lustro  
colados sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Coloured pencil and silver foil and wax paper glued  
onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0784

Sombras e chocolates (letras em 'chocolat aux  
noisettes'), 1972–74  
Papel recortado montado sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Paper cut-out mounted on paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0785

Sombras e chocolates (carrinhos), 1965  
Pratas de chocolates e recorte de revista colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and magazine cut-out glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0786

Sombras e chocolates (Mickey), 1966  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0787

Sombras e chocolates (Fragmento de "Tabacaria"  
de Fernando Pessoa), s.d.  
Letras decalcadas sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Dry-transfer lettering on paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0788

Sombras e chocolates (carrinho), 1972–74  
Pratas de chocolates, papel de lustro e papel  
impresso colados sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil, wax paper and printed paper glued onto  
paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0789

Sombras e chocolates (galo), 1965  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados  
sobre papel  
Aquisição, 1998  
32 × 49,5 cm  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*  
*Acquisition, 1998*  
Inv. no. FS 0790

Sombra projetada de André Morain, Paris, 1968  
Grafite, lápis de cor e esferográfica sobre papel  
montado sobre tela  
Doação da artista, 2009  
88,3 × 128 cm  
*Graphite, coloured pencil and ballpoint pen on  
paper mounted on canvas*  
*Artist's donation, 2009*  
Inv. no. FS 1648

Sombra projetada de Adami, Paris, 1966  
Grafite e marcador sobre papel montado sobre tela  
Doação da artista, 2009  
142,3 × 91,5 cm  
*Graphite and marker on paper mounted on canvas*  
*Artist's donation, 2009*  
Inv. no. FS 1715

Sombra projetada de arália, versão 1, 1977  
Serigrafia original  
Aquisição, 2011  
255 × 155 cm  
*Original silkscreen*  
*Acquisition, 2011*  
Inv. no. FS 1746

Sombra projetada de arália, versão 2, 1977  
Serigrafia original  
Aquisição, 2011  
255 × 155 cm  
*Original silkscreen*  
*Acquisition, 2011*  
Inv. no. FS 1747

Sombras deitadas, Paris, 1969  
Tecido bordado à mão (violeta)  
Depósito em 1990  
275 × 218 cm  
*Hand-embroidered fabric (violet)*  
*Deposit in 1990*  
Inv. no. SC 0050

Sombra projetada de Dilma Gamarra, 1966  
Plexiglas com tinta acrílica  
Depósito em 2024  
33 × 44 × 4,5 cm  
*Plexiglas with acrylic paint*  
*Deposit in 2024*  
Inv. no. TS 0352

Sem título, s.d.  
Serigrafia sobre rodhoïd. Ed. 77/100  
Depósito em 2024  
57 × 48 cm  
*Silkscreen on rodhoïd. Ed. 77/100*  
*Deposit in 2024*  
Inv. no. TS 0620

Lourdes Castro  
Sombra projetada, [19--]  
Edição de autor  
Aquisição, 2013  
61 × 59 cm  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 15469

Cartaz da exposição na Galeriepress im  
Salzbüchle, Konstanz, Alemanha, [19--]  
Konstanz: Galeriepress im Salzbüchle  
Aquisição, 2013  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27198

Cartaz da exposição na Galerie Jean Briance, Paris,  
5 de abril – 13 de maio 1978  
Paris: Galerie Jean Briance, 1978  
Aquisição, 2013  
*Poster of the exhibition at Galerie Jean Briance,*  
*Paris, 5 April–13 May 1978*  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27200

Ligne d'horizon: théâtre d'ombres, Lourdes Castro e  
Manuel Zimbro  
Cartaz da exposição no Centre Georges Pompidou,  
Paris, 29 de setembro – 1 de outubro de 1982  
Paris: Centre Georges Pompidou, 1982  
Aquisição, 2013  
*Poster of the exhibition at Centre Georges*  
*Pompidou, Paris, 29 September–1 October 1982*  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27199

Lourdes Castro  
[Paris]: Galerie 20, [19--]  
Aquisição, 2013  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27207

Album de naissance (Ombres portées), 1972–2012  
Neuchâtel: Editions du Griffon, 2013  
Impressão serigráfica, fotografia e autocolante sobre  
Bristol 300 gr  
Aquisição, 2014  
*Silkscreen, photography and sticker on Bristol 300 gr*  
*Acquisition, 2014*  
Inv. no. BIB 28375

**Lourdes Castro**  
Londres: Indica Gallery, 20.01.1967  
Aquisição, 2014  
*Acquisition, 2014*  
Inv. no. BIB 15628

**Lourdes Castro**  
Bâle: Felix Handschin Galerie, 1968  
Aquisição, 2007  
*Acquisition, 2007*  
Inv. no. BIB 14164

Obra publicada por ocasião da exposição organizada  
na Felix Handschin Galerie, em Basel, Suíça, de 15 de  
março a 13 de abril de 1968  
*A publication released by the Felix Handschin Galerie*  
*in Basel, Switzerland, to mark the exhibition held*  
*there from 15 March to 13 April 1968*

**Lourdes Castro**  
La Louvière: Editions du Daily-Bul, 1964  
Aquisição, 2013  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27186

Marta Minujin, Lourdes Castro, Alejandro Otero  
[22 Rue Delambre, Paris: s.n.], 1963  
Parte superior do formulário  
Aquisição, 2013  
*Acquisition, 2013*  
Inv. no. BIB 27188

Lourdes Castro [Material gráfico] / texto Pierre Restany,  
Paris: Galeria Edouard Loeb, 18 de maio a 2 de junho  
1966  
*Paris: Galeria Edouard Loeb, 18 may until 2 june 1966*  
Inv. no. BIB 16111

Teatro de Sombras de Lourdes Castro e Manuel Zimbro  
Danilo & Telo, Ida., [19--]  
Funchal: Teatro Municipal, 14 e 15 de julho, [19--]  
*Funchal: Teatro Municipal, 14 and 15 July, [19--]*  
Inv. no. BIB 27189

Lourdes Castro, Manuel Zimbro: Les Ombres, 1986

Litografia sobre papel

*Lithograph on paper*

Inv. no. BIB 37994

Lourdes Castro [Material gráfico]: Les Ombres, [19--]

Paris: Théâtre d'Orsay Renaud-Barrault, Gare d'Orsay

Inv. no. BIB 27195



Letras, Paris, 1962

Madeira, pinça cirúrgica, caixa de metal prateada,  
plástico, tinta acrílica sobre tela

*Wood, surgical forceps, silver-coloured metal box,  
plastic, acrylic paint on canvas*

**LER**  
**READ**

Eugen Herrigel, *Zen e a arte do tiro com arco*, 1948  
Lourdes Castro, *Grand herbier d'ombres*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2002  
*Lourdes Castro: Sombras à volta de um centro*, Porto e Lisboa: Fundação de Serralves e Assírio & Alvim, 2003  
Lourdes Castro, *A praia formosa*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009  
*Lourdes Castro, Manuel Zimbro: À luz da sombra*, Porto e Lisboa: Fundação de Serralves e Assírio & Alvim, 2009  
Lourdes Castro, *Todos os livros*, Lisboa: Sistema Solar, 2015  
João Pacheco, "Lourdes Castro, uma noção exata do essencial", entrevista ao jornal *Expresso*, 2019  
Ricardo Nicolau, *Das 4 às 5: Cartas à Lourdes*, <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/18.03.01-loudres-castro/>  
*Caspar David Friedrich: Nature and the Self*, Londres: Yale University Press, 2020

**VER**  
**SEE**

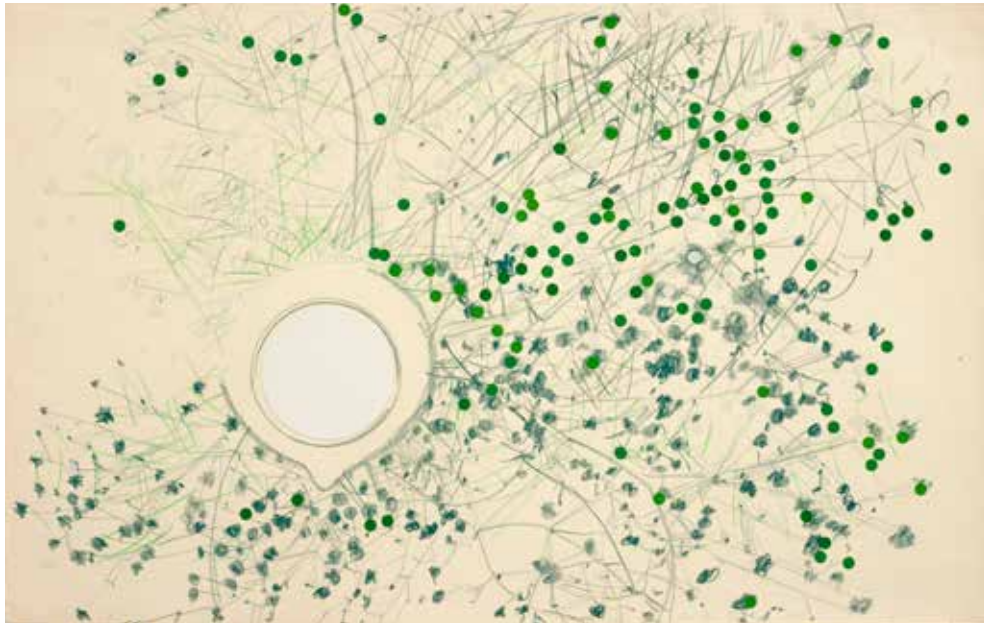
Realização coletiva, *O amor que purifica*, 1969  
*Um dia com... Lourdes Castro*, RTP, 1970  
Realização coletiva, *Trotoário Azul*, 1970–72  
Geneviève Morgan, *La Montagne de fleurs de Lourdes Castro*, 2003  
Catarina Mourão, *Lourdes Castro: Pelas sombras*, 2010

**OUVIR**  
**LISTEN**

Antonio Vivaldi, *As quatro estações*, 1723  
Wolfgang Amadeus Mozart, *A flauta mágica*, 1791  
Frédéric Chopin, *Nocturnes*, 1827–1846  
Franz Schubert, *Piano Trio N. 2*, 1827  
Keith Jarrett, *Concerto de Colónia*, 1975



Sombra projetada de Dilma Gamarra, 1966  
Plexiglas com tinta acrílica  
*Plexiglas with acrylic paint*



*Life as It Is* features works by Lourdes Castro (Funchal, Portugal, 1930–2022) from the late 1950s onwards. Resorting to different media – publications, drawing, embroidery, Plexiglas – , both independently and with other artists, these works stress the importance of collaborations, and of the relationship between art and everyday life in her artistic practice.

The exhibition features, apart from the magazine *KWY* (1958–1963) and the work she created with Francisco Tropa for the 1998 São Paulo Biennial, works by Lourdes Castro, an artist originally associated with the French *nouveau réalisme* – which emphasised the relationship between art and reality – and who, throughout her trajectory, has produced a unique oeuvre in which silhouettes and shadows take centre stage.

Since 2006, Matosinhos and the Serralves Foundation have been building a solid partnership, marked by the municipality's status as a Founding Municipality of the institution. Over the years, the commitment to bringing the Serralves Collection to the people of Matosinhos, through the Touring Exhibitions Programme, has resulted in more than a dozen exhibitions and a range of complementary activities, such as guided tours, family workshops and training sessions held at the Matosinhos Municipal Gallery.

It is as a continuation of this close and long-standing collaboration that we now present the work of Lourdes Castro, a visual artist who died in 2022 and was a central figure on the French and European art scene of the 1960s and 1970s. By moving away from the traditional formats of painting and sculpture, Lourdes Castro's artistic journey made her a leading figure in the profound conceptual and material transformations that shaped the visual arts during that period.

In this context, it is with great enthusiasm that the Matosinhos Municipal Gallery hosts *Life as It Is*, inviting the public to discover or revisit the legacy left by Lourdes Castro and, at the same time, reinforcing a programme focused on the promotion, dissemination and appreciation of modern and contemporary art.

**Luísa Salgueiro**  
Mayor of Matosinhos

*Life as It Is* revisits the artistic journey of Lourdes Castro (1930–2022) through a selection of works that reflect her keen eye for the simple gestures of everyday life. In the artist's world, this conscious practice – centred on the experience of the present and serving as both subject matter and inspiration for her work – encompasses both the urban landscapes she explored at the start of her career and, later, the garden of her home in Madeira, where observing the rhythms of nature and the passing of the seasons became one of the fundamental pillars of her creative process.

The selection of works brought together at the Matosinhos Municipal Gallery reveals an artistic practice that moved away from canvas in favour of transparent, translucent or coloured materials, giving rise to her famous plexiglas cut-outs. In the collection of moments created by Lourdes Castro, we find the relationship the artist established between discarded objects and the work of art. It is from this tension between the material and the immaterial in the creation of artistic objects that a multiplicity of processes and techniques emerges, granting her artistic journey a unique place in contemporary art.

**Fernando Rocha**  
Councillor for Culture,  
Municipality of Matosinhos

Presenting the exhibition *Lourdes Castro—Life as It Is* in Matosinhos takes on particular significance, as this is a municipality with which Serralves shares a long-standing, close bond. Matosinhos was granted the status of Founding Member of Serralves in 2006 and, since then, has been a key partner of the Foundation. *Life as It Is* is the 12th exhibition organised by Serralves in this municipality, continuing a highly successful collaboration that has already enabled the exhibition of works by leading artists such as Fernando Lanhas, Helena Almeida, Ângelo de Sousa and Jorge Molder.

A strategy of cultural decentralisation, which regards contemporary art as a fundamental pillar of citizenship and social cohesion, requires finding strong partners, as Matosinhos has proved to be. Through the Touring Exhibitions Programme, Serralves is committed to strengthening ties between artists, curators and local stakeholders, seeking to exhibit high-quality, artistically diverse works throughout the country.

The works by Lourdes Castro on display here belong to the Serralves Collection. Although the exhibition features works from various periods and created using different artistic media, it brings this apparent diversity together. How? By highlighting the artist's choice of shadow as the central motif throughout her work. According to Lourdes Castro, our relationship with the world should be sought in shadow and in the confusion it creates between presence and absence, between the concrete and the immaterial. Her work, made up of shadows (and of light, for there is no shadow without light), highlights small gestures of everyday life

and brings the world around us to the centre of artistic practice. In the 1960s, it was revolutionary to bridge the gap between art and life. In Lourdes Castro's work, this bridging takes on a clarity that requires no manifestos or revolutions. It is simple, natural. Simply *life as it is*.

The exhibition is also a testament to Lourdes Castro's very close and intimate connection with Serralves. And a light-hearted one, at that. We recall that her last exhibition at Serralves was postponed due to the first Covid-19 lockdown, which prevented us from opening it, as planned, on the first day of spring 2020. As you can imagine, this date was particularly appealing to an artist from Madeira whose work featured so many flowers. Faced with this impossibility, Lourdes's reaction was a model of wisdom combined with a sense of humour: 'This year, spring will come later!' In 2026, spring arrives at the end of summer.

The Serralves Foundation would like to express its sincere gratitude to the Councillor for Culture, Fernando Rocha, and in particular to the Mayor, Luísa Salgueiro, whom it commends for her strategic vision and enthusiasm for continuing the collaboration with Serralves. It is by joining forces that contemporary art becomes a universal, accessible and truly transformative asset.

**Manuel Ferreira da Silva**  
Chairman of the Board of  
Directors of the Serralves  
Foundation



### It's done, but it's not finished

The first work reproduced in this leaflet is not actually in the exhibition. Nor could it be, since it does not physically exist and could only do so given exceptional conditions. *A montanha de flores* [The Flower Mountain], as it is called, was presented in the solo exhibition, *Lourdes Castro: Shadows around a centre* at the Serralves Museum in 2003, in which the series of drawings that gave it its name were also shown, and are included in the current exhibition.

### Definitely unfinished

Over fourteen years, between 1988 and 2002, Lourdes Castro (Funchal, Portugal, 1930–2022) collected thousands of mallow petals. The mallow is very common in Madeira, the island where the artist was born and lived since 1983, after a short stay in Munich (1957) and 25 Parisian years (1958 to 1983). For the work to be presented again, the mallow would have to drop its petals in successive seasons for many years... with these then being collected, stored and maintained. The date of the work ('1988...') indicates the year in which the process began but is silent on its completion. This means, on the one hand, that 'final' and practical work should not be distinguished; on the other, it unequivocally tells us that *A montanha de flores* is 'definitely unfinished'.

### Present and absent

We began by saying that the work is absent from the exhibition. Yes and no, actually. Aware of its importance in Lourdes Castro's journey – she considers she 'took a step' with it (as mentioned in a telephone conversation) – and in showing her ability to synthesise her practice, the curators decided

to present Geneviève Morgan's 2003 film, *La Montagne de fleurs de Lourdes Castro* [Lourdes Castro's Flower Mountain]. In this short documentary, one can see the artist carrying a large box to the room where it will finally be opened, so that the precious objects it holds (the petals) can be carefully put on a glass surface, around a jar. When the mound is formed, reaching approximately the height of the object at the centre of the transparent top, Lourdes Castro finishes the work as if she were laying a table, by putting flowers in the vase. *A montanha de flores* is done; as we have seen, it is not finished.

### Life as it is

The image of someone laying a table, the epitome of the daily gesture, can help distinguish Lourdes Castro's practice from the objects in which it materialises. Let me explain: preparing a meal, planting and pruning, pasting, drawing, painting and embroidering – all activities that the artist has focused on and which have actually given rise, as we shall see, to collages, drawings, paintings and embroidery – are equivalent, because they serve above all (and now I am going to reveal Lourdes Castro's interest in oriental thought, Zen in particular<sup>1</sup>) to harmonise body and spirit, conscious and unconscious, particularity and universality. This explains why, in recent years, when asked about her current practice, the artist has said that her garden at home in Madeira is her only work. Note that 10 years earlier, the question 'Have you been painting, Lourdes? Have you been working a lot?' was answered by: 'I've been working a

1 There are several interviews in which Lourdes Castro mentions the importance for her life and work of *Zen in the Art of Archery* written in 1948 by Eugen Herrigel, a German professor who, between 1924 and 1929, taught philosophy in Japan. The artist, who read it in German when she was still a child, describes it as follows: 'Sometimes they are lifebuoys. When the West was no longer responding to what was being asked, many people went to the East. And came back; like Mr. Herrigel, who was there, studied and learned Japanese. This exchange creates a response to things, such as religion: they are responses that, at a particular moment, are just right: they relieve us, help us.' See Óscar Faria, 'Lourdes Castro: "A minha pintura é esta: o viver, o estar cá"', interview with Lourdes Castro, *Ipsilon*, 3 March 2010. The book can be summarised as an attempt to understand Zen based on the art of archery: 'Experienced by us as division, error, conflict, discord or hallucination, the relationship between body and mind, matter and spirit, being and becoming, conscious and unconscious, reason and feeling, ideal and real, visible and invisible, word and silence, identity and otherness, abstract and concrete, universal and particular, life and death; it appears here as alliance, agreement, concord, conjuration, fusion and hypostasis.' See José Manuel dos Santos, 'O Tiro', *Expresso*, 29 November 2007.

lot. What is work? What is non-work? I have so much to do. My painting is this: living, being here.<sup>2</sup> *Life as it is*.<sup>3</sup>

### Giving body to shadow

*Life as It Is* brings together works by Lourdes Castro from between the 1950s and the 2000s. After graduating in Painting from the Escola de Belas-Artes de Lisboa (Lisbon School of Fine Arts), passing through Munich, and then settling in Paris in 1958, her work was soon integrated into, and contextualised within, *nouveau réalisme*. This movement attributed an unprecedented role to the relationship between artistic practice and everyday life, amid a new urban landscape full of signs (advertising, in particular), discarded objects that became obsolete at an increasing pace, and the artwork. One mistake, one inaccuracy at least. At a certain stage, Lourdes Castro's work integrated outdated trinkets, snatching them from their most likely destination (rubbish), standardised by a layer of metallic paint<sup>4</sup>, but she soon became interested in the theme that accompanied her whole life: the shadow. For Lourdes Castro, shadows – of people, of objects – are the link between presence and absence, the border between materiality and immateriality. From this discovery, she has built an unquestionably unique body of work, in which the 1960s Plexiglas pieces – a material that has allowed her to present the shadows of shadows – and the *sombras deitadas* (lying shadows)

2 In Faria, op. cit.

3 The title of this exhibition, *Life as It Is*, is borrowed from a series of short stories by the Brazilian author Nelson Rodrigues (Recife, 1912 – Rio de Janeiro, 1980). Written between 1950 and 1961, they were later adapted for radio and television.

4 The painting *Letras* [Letters], on show at the exhibition, is an example of this.

embroidered on sheets stand out. Regarding this transition from hard plastic to the softness of the linen, the artist has said: 'I know I removed the shadows from the shadow. I gave them body, because I made the Plexiglas pieces [...]. The sheets, I wouldn't make them in Plexiglas, because we don't lie on top of that material and plastic isn't pleasant either.'<sup>5</sup>

This exhibition presents examples of the *sombras deitadas*, embroidered by the artist on sheets. 'They are friends who said, "Ok, we'll lie down; it's really comfortable." They were nice and quiet: it was on the studio floor. I laid out the paper, made the outline, then copied it onto the cloth and embroidered it. It was great, after working with the chainsaw, to be there quietly: I remember listening to the cars. It was on Rue des Saints-Pères [in Paris].'<sup>6</sup>

**Giving her body to shadow**  
In the 1970s, the artist gave the shadow movement through shadow plays created with Manuel Zimbro (Lisbon, 1944 – Madeira, 2003), her partner in life and work for more than three decades. Presented in theatres and galleries, these experiences were at the centre of the exhibition, *Lourdes Castro and Manuel Zimbro: In the Light of the Shadow*, at the Serralves Museum of Contemporary Art between March and June 2010. According to the artist, 'The first programme was three little things: *Picnic in the Shade*, *Outline and Day and Night*. The second programme was *The Five Seasons*; and the third programme, *The Horizon Line*. They had no story: it was like a painting, one thing

led to another. The guiding thread was transformation. There were three things, then we went on to a single subject, without an interval, because when you see the shadows there is such involvement, magic, that it is a pity to have a break. *The Five Seasons* and *The Horizon Line* lasted an hour.'<sup>7</sup>

*Life as It Is* invokes shadow theatre through the posters advertising it. These posters and artists' books – as well as the mythical KWY<sup>8</sup> magazine – show the importance that Lourdes Castro has always attached to the graphic materials accompanying her exhibitions or that are works in their own right.<sup>9</sup>

7 Ibid.

8 Name of the group formed by Portuguese artists Lourdes Castro, René Bertholo, António Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada and Gonçalo Duarte, together with Bulgarian artist Christo and German artist Jan Voss. Based in Paris, they produced the magazine, KWY, published between 1958 and 1964, whose twelve issues led to two major exhibitions: *KWY: Paris 1958–1968*, presented at the Centro Cultural de Belém in 2001, and *A Cosmopolitan Realism: The KWY Group in the Serralves Collection*, organised by the Serralves Museum of Contemporary Art in 2015.

9 Lourdes Castro's graphic production, namely her artist books, has been highlighted in exhibitions that reveal, on the one hand, the central place it occupies in her work and, on the other, her inestimable contribution to the history of that medium (the artist book). See, in this regard, *Todos os livros* [All the Books], published on the occasion of the exhibition with the same name, curated by Paulo Pires do Vale, organised by the Calouste Gulbenkian Foundation Art Library and held at the Foundation's Temporary Exhibition Gallery from 9 July to 26 October 2015. The exhibition that the book accompanies is presented as follows on its publisher's – Sistema Solar – website: 'The exhibition brings together the books the artist has produced from 1956 to the present [...]. Among those on show – which mostly belong to the artist's private collection – are the first she made, where her drawings relate and illuminate the words of poets such as Rilke, Rimbaud, Apollinaire and Herberto Helder, as well as those where she started using *rodhoïd* and Plexiglas, creating object books. Many of these books are unique and others have had limited silkscreen editions; some came from collaboration with writers, such as Benjamin Patterson, others from a collection based on a favourite topic. The book structure has allowed her to explore many possibilities and her affection for this form is clear from the many books that Lourdes Castro has created, since founding the magazine and publisher KWY with René Bertholo, until today.'

5 In Faria, op. cit.

6 Ibid.

In addition to KWY, this exhibition includes a selection of the books and posters presented in the Serralves Library mezzanine in 2010, which are an integral part of the Serralves Foundation Collection of Artists' Books and Editions.

**Becoming horizontal**  
*Life as it is* presents some drawings from the aforementioned 'Sombras à volta de um centro' series.

Although presented on the wall (vertically), the process giving rise to the drawings called for horizontality: the origin of the drawings lay in the arrangement of vases with flowers and plants, which were then set on sheets of paper placed on tabletops – the centre from which the contours of various plant species were drawn (camellias, geraniums, lilacs, marigolds, forget-me-nots, daffodils, primroses, roses, parsley, tulips and palm leaves, among others). These drawings, in their simplicity and clarity, reveal the artist's willingness to see 'always for the first time and at first hand'. Besides being a kind of intimate journal by Lourdes Castro with plants and flowers, they are a treatise on attention, on being – just like the aspiring archer mentioned by Eugen Herrigel in *Zen in the Art of Archery* – entirely present in the 'here and now'. That is why they are testimonies

of an 'ephemeral eternity'<sup>10</sup>, and of a possible relationship between art and *Life as it is*.

Ricardo Nicolau

10 In the text accompanying the drawings published on the occasion of the Serralves Museum of Contemporary Art exhibition, Manuel Zimbro values the process that leads to drawings at the expense of the resulting objects. He attributes exactly the same importance to the act of preparing the flower vases as to the drawing of the shadows. Moreover, he argues that this preparation can already be drawing, since 'drawing is not a skill, it is not exhausted in what is drawn, nor explained in the drawing' (p. 30). Drawing, more than imitating or representing, can be – it is the case with these *Shadows* around a centre – an exercise of personal erasure, of connection between conscious and unconscious, exterior and interior, ephemeral and perpetual. 'Drawing is not produced, it is done' (p. 38). See Manuel Zimbro, 'untitled', *Lourdes Castro: Shadows around a centre*, Lisbon: Assírio & Alvim, 2003, pp. 13–114.

**EXPOSIÇÃO**  
**EXHIBITION**

Organização  
*Organisation*  
Fundação de Serralves – Museu  
de Arte Contemporânea, Porto

Direção do Museu  
*Museum Direction*  
Philippe Vergne

Direção de arquitetura  
*Architecture Department*  
António Choupina

Direção comercial, marketing  
e mecenato  
*Commercial, marketing and  
development department*  
Carina Bastos

Curadoria  
*Curator*  
Luís Pinto Nunes

Adaptação de conceito original de  
*Adapted from original concept by*  
Ricardo Nicolau e Isabel Braga

Produção e assistência curatorial  
*Production and curatorial  
assistance*  
Carlos Magalhães

Registo  
*Registrar*  
Beatriz Rodrigues

Coleção  
*Collection*  
Filipe Duarte, Helena Abreu

Biblioteca  
*Library*  
Sónia Oliveira, Daniel Fernandes,  
Isabel Koehler

Educação Artes  
*Art Education*  
Inês Pina, Beatriz Sarmento

Apoio à produção  
*Production support*  
Galeria Municipal de Matosinhos

**PUBLICAÇÃO**  
**PUBLICATION**

Conceito  
*Concept*  
Luís Pinto Nunes

Coordenação  
*Coordination*  
Sílvia Sacadura

Edição  
*Copy-editing*  
Rita Almeida Simões

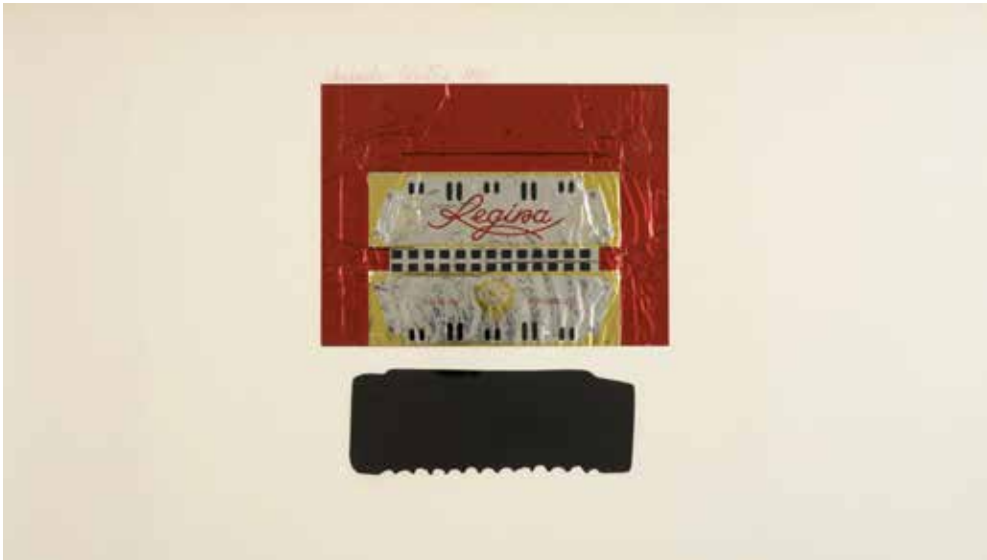
Texto  
*Text*  
Ricardo Nicolau

Conceção Gráfica  
*Design*  
Hugo Sousa

Tradução  
*Translation*  
John Elliott

Créditos fotográficos  
*Photographic credits*  
© Fundação de Serralves, Porto,  
© Filipe Braga, © Rita Burmester

Pré-impressão, impressão e  
acabamento  
*Pre-press, printing and binding*  
Orgal



Sombras e chocolates (harmónica), 1965  
Sombras e chocolates (joaninha), 1965  
Pratas de chocolates e papel de lustro colados sobre papel  
*Silver foil and wax paper glued onto paper*

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível mundial. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma constante atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade, no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

O programa de Itinerâncias da Coleção de Serralves, iniciativa que visa promover a descentralização e a democratização do acesso à cultura, é um dos mais importantes pilares de atuação da Fundação. Planeado em colaboração com as Autarquias Fundadoras de Serralves, este programa abrange todo o território nacional, permitindo o alargamento da rede de acesso e de aproximação das populações fora dos grandes centros urbanos à arte contemporânea.

As exposições concebidas no âmbito deste programa contam com o envolvimento ativo de diversos artistas representados na Coleção e com a apresentação de obras inéditas e de novas aquisições, consolidando laços com a comunidade artística e promovendo a construção e partilha de conhecimento em torno da Coleção. Anualmente são desenvolvidas novas propostas expositivas adaptáveis a diferentes contextos, contemplando exposições individuais e coletivas que cruzam diferentes gerações e práticas artísticas.

Cada exposição é acompanhada por um programa educativo que contempla atividades dirigidas a diferentes públicos, como visitas orientadas, oficinas para famílias e ações de formação para educadores e professores.

*The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection closely follows the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.*

*The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.*

*The Touring Exhibitions Programme of the Serralves Collection, an initiative that aims to promote the decentralisation and democratisation of access to culture, is one of the Foundation's cornerstones. Planned in collaboration with the Serralves Founding Municipal Councils, this programme extends nationwide, bringing contemporary art to communities outside of major urban centres.*

*The exhibitions conceived for this programme rely on the active involvement of various artists represented in the Collection and on the presentation of new acquisitions and previously unseen works, consolidating ties with the artistic community and promoting the construction and dissemination of knowledge about the Collection. Each year the programme's curatorial team develops new exhibitions adapted to different contexts, including solo and group exhibitions that cross different generations and artistic practices.*

*Each exhibition is complemented by an educational programme featuring activities aimed at different audiences, such as guided tours, family workshops and training sessions for educators and teachers.*



**GALERIA MUNICIPAL DE MATOSINHOS**  
Rua Alfredo Cunha, 4454–510 Matosinhos

**Contactos**

*Information*

Tel.: +351 229 390 960

Email: [galeria.municipal@cm-matosinhos.pt](mailto:galeria.municipal@cm-matosinhos.pt)

Website: [www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)

**Horário**

*Opening Hours*

Terça a sexta

*Tuesdays to Fridays*

10h00–13h00 e *and* 15h00–18h00

Sábados, domingos e feriados

*Saturdays, Sundays and Public Holidays*

15h00–18h00

15 SET –  
15 NOV  
2026

GALERIA  
MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

**SERRALVES**

**MM** matosinhos

**GM** GALERIA MUNICIPAL

**MDS**